

ENTRE O SALÃO VAZIO E A HISTÓRIA DA COLÔNIA: uma reflexão sobre a exposição “Oreretama” do Museu Histórico Nacional

Gusthavo Gonçalves Roxo^{*}

Alejandra Saladino^{**}

Introdução

No presente texto, expomos alguns dos resultados do projeto de pesquisa “Conceitos e imagens sobre Arqueologia e Patrimônio Arqueológico: um estudo sobre estratégias de socialização e preservação”, desenvolvido no Departamento de Estudos e Processos Museológicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e vinculado ao Grupo de “Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil,” coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá. Desejamos refletir sobre o potencial da exposição “Oreretama”, do Museu Histórico Nacional (MHN) comunicar as especificidades da Arqueologia – enquanto disciplina científica que estuda os processos históricos, cognitivos e comportamentais das sociedades humanas a partir da cultura material – e do patrimônio arqueológico. Seguindo o tema da Semana de Museus deste ano escolhido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), que propõe pensar sobre o futuro das novas tradições, também contemplamos o significado de iniciar o principal circuito expositivo do MHN com o passado pré-colonial embasado no discurso arqueológico.

Cabe ressaltar que alicerçamos nossas reflexões sobre a ideia de que as exposições museológicas, como recursos comunicativos, são importantes estratégias para a divulgação e socialização do conhecimento científico e para a preservação do patrimônio

^{*} Poeta e bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

^{**} Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mestre em Arqueologia e doutora em Ciências Sociais.

arqueológico. Expomos parte dos resultados da pesquisa, ressaltando os dados sobre as associações que os visitantes fazem em relação à Arqueologia e ao patrimônio arqueológico. Assim, consideramos as possíveis correspondências que poderiam ser utilizadas na decodificação do discurso científico com vistas a difundir a importância da preservação do patrimônio arqueológico.

Referenciais teórico e metodológico

O enquadramento teórico de nosso estudo privilegia as referências que podem ser agrupadas em uma área de interseção entre Arqueologia e Museologia. Em outras palavras, a fundamentação teórica de nossas reflexões se encontra em reflexões, de ambos os campos, cujos princípios sinalizam os museus como espaços estratégicos para a administração das memórias e dos patrimônios, para a legitimação de narrativas e, ainda, a função comunicacional como uma estratégia de socialização do patrimônio arqueológico. Concretamente, encontramos base teórica em estudos alinhados e/ou inspirados na Museologia Social e na Arqueologia Pública.

Dentre os recursos metodológicos utilizados, destacamos a observação assistemática e a aplicação de questionários. Este instrumento contém 10 campos de preenchimento, com questões abertas e fechadas. Cabe ressaltar que a avaliação da aplicação do questionário na primeira etapa da pesquisa resultou na alteração de alguns campos, com vistas a tornar essa ferramenta mais acorde à realidade estudada e, portanto, mais eficaz. Foram mais de 15 visitas para aplicação dos questionários no MHN.

Todavia, é importante sublinhar a proficuidade de combinar esse procedimento com a observação assistemática, ou seja, sem utilizar meios técnicos específicos e, portanto, sem planejar e/ou controlar (LAKATOS; MARCONI, 1996, p. 79). A observação da reação do público (nas perguntas à/o responsável pela mediação, nos gestos e outros sinais corporais) permitiu pôr em perspectiva os dados levantados por meio dos questionários e, portanto, coincidimos com Zapatero (2012, p. 62), para quem a “observação anônima do que dizem e fazem os visitantes permite capturar mais genuinamente o que realmente pensam, sem a preocupação de parecerem mais “cultos” ou “politicamente corretos”.

O público-alvo foi definido de acordo com a experiência da visita (público espontâneo e público mediado) e restrito à faixa etária adulta (maiores de 18 anos), com vistas a contornar as dificuldades impostas à pesquisa sobre o público infante-juvenil, sintetizadas

na obrigatoriedade de obter autorização dos respectivos responsáveis para uso dos dados levantados e decorrente publicização.

Resultados e discussões

Consideramos que a amostra construída por meio dos questionários é reduzida. Ainda assim, é possível apresentar um quadro geral sobre o visitante de “Oreretama”. De acordo com os dados sobre o público espontâneo indicam uma predominância masculina. Entretanto, foi registrada a frequência na seguinte ocorrência: mulheres acompanhadas de crianças não se dispunham a responder o questionário pois terminavam a visita em busca de banheiros para levá-las.

As questões referentes ao significado e à importância da Arqueologia eram sempre respondidas de forma afirmativa, isto é, havia uma concordância geral na importância da mesma, mas muitas pessoas, mesmo aquelas que haviam passado pela mediação, não conseguiam especificá-la, ou seja, titubeavam ao responder à questão correspondente. A análise dos dados sugere que o público do MHN réplica a ideia de que a Arqueologia está relacionada à materialidade do passado, pois foram muitas as ocorrências de sua associação com os termos “objetos”, “passado” e “antiguidade”. Pouco mais de 50% das/dos visitantes espontâneas/os reconheceram a importância da Arqueologia para o conhecimento de nossa história, passado e raízes.

Motivados a compreender a dificuldade de ampliar nossa amostra (pois nem ampliando o campo para os fins de semana ela aumentava substancialmente) e interrogando sobre se a dificuldade estaria relacionada à destinação da pesquisa ao público adulto, solicitamos ao setor responsável dados sobre a visitação do MHN, correspondente ao período 2017-2019. Entretanto, não obtivemos dados consistentes, pois não há informações institucionais sobre a faixa etária das/dos visitantes espontâneas/os, tampouco das/dos mediadas/os.

A observação assistemática e a análise dos dados levantados por meio do questionário sugere a dificuldade das/os visitantes de lembrarem da Arqueologia, apresentada no início da exposição. Ao final do percurso, a/o visitante além de cansada/o, já não lembra muito do começo. De acordo com os dados analisados, reconhecemos evidências do quadro nominado pela arqueóloga Maria Cristina de Oliveira Bruno como *estratigrafia do abandono* (2005), onde apesar do potencial e da riqueza das narrativas arqueológicas para a compreensão da identidade e da trajetória ao longo do tempo, a Arqueologia

segue em segundo plano tanto na escola quanto no espaço museal. Cabe ressaltar que o MHN abre sua exposição de longa duração com as seguintes palavras:

... Um Museu de história no século XXI não pode apresentar a História apenas de forma contemplativa, vista como uma sucessão de evento dos quais nos damos conta passivamente. Assim, esperamos que o público se sinta convidado à reflexão crítica sobre o passado, possibilitando a construção conjunta do conhecimento histórico.

Apesar desse discurso, coincidindo com Bruno (2005), percebemos a ausência de um olhar interpretativo, capaz de identificar e revelar as vivências de sociedades pré-coloniais para concreta e efetivamente colaborar para compreender o processo de construção da identidade nacional. Uma vez que não está claramente posto o papel da Arqueologia e do arqueólogo/a na sociedade contemporânea, há o risco de permanência de imagens recorrentes no senso comum no imaginário do visitante, como sugerem os dados levantados nos questionários, onde foi frequente a associação de múmias, tesouros e, por vezes dinossauros aos termos “Arqueologia” e “patrimônio arqueológico”.

Coincidimos com as arqueólogas María Ángeles Querol e Alicia Castillo Mena, ao ressaltarem que “o verdadeiramente importante do passado é o presente, está no presente e na forma como é usado o passado para conhecer e compreender o presente” (QUEROL; CASTILLO MENA, 2002). E, por isso, consideramos, à luz dos dados levantados, que a Arqueologia e o patrimônio arqueológico seriam mais facilmente compreendidos e relacionáveis às memórias e identidades da sociedade brasileira sem solução de continuidade entre o passado (mais ou menos remoto, ou seja, materializado em bens arqueológicos pré-coloniais e históricos), por meio de uma linguagem acessível ao público leigo (demandando um processo de decodificação do discurso científico) e de uma narrativa que possibilitasse o questionamento e o diálogo. A pura contemplação do discurso científico (por vezes hermético) e de peças de um passado longínquo parece não bastar ao público do presente. Compreendemos que o museu, apesar das dificuldades e limitações, precisa cumprir seu papel de comunicar, não apenas mostrar um fragmento de artefato, afinal, todo objeto musealizado se torna um objeto semióforo, valorizado por seus significados, representando o que não é visível, neste caso, sociedades e culturas anteriores a nossa.

Em síntese, reconhecemos o grande avanço que representa a inclusão de “Oreretama” no circuito expositivo de longa duração (inaugurada em maio de 2006) na tentativa de recompor a continuidade do tempo, dissolvida nas narrativas oficiais e no esforço de criar

um discurso multidisciplinar que apresenta a diversidade cultural pré-colonial. Cabe lembrar que esse movimento vai na contracorrente dos museus históricos dos países da América do Sul, que, insistindo na dicotomia entre natureza e cultura, excluem “o indígena” e sua cultura material da história nacional (LINDSKOUGH, 2019). Ressaltamos, outrossim, o imenso potencial contido na exposição para a reflexão sobre o presente e o futuro possível, desde que Arqueologia e patrimônio arqueológico possam ser trabalhados desde uma perspectiva crítica e dialógica.

Referências

- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização dos sítios arqueológicos. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 31, p.234-247, 2005.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- LINDSKOUGH, Henrik B. Coleccionando naturaleza, creando cultura: construcción de la dicotomía naturaleza/cultura en museos. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, Bogotá, p.11-32, julio-septiembre de 2019.
- QUEROL, María Ángeles; CASTILLO MENA, Alicia. *Entre homínidos y elefantes: un paseo por la remota Edad de Piedra*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional de Madrid, 2002.
- ZAPATERO, G. R.. Presencia social de la Arqueología y percepción pública del pasado. GARCÍA, Carlos Ferrer; SÁNCHEZ, Jaime Vives-Fernández (Eds.). *Construcciones y usos del pasado: patrimonio arqueológico, territorio y museo*. Jornadas de Debate del Museu de Prehistòria de València. València: Museu de Prehistòria de València, 2012. p.31-73.